

INCONSCIENTE MELANCÓLICO: O CALEIDOSCÓPIO DE ANA C

Leide Rozane Alves da Silva (UnB/UEG)¹

Resumo: Ana C poeta carioca da literatura marginal revela sua escrita ora linear, ora versos longos, ora curtos, mas sem perder densidade. Ao pensar no ato de escrever pelo viés da literatura, o processo pode ser compreendido como tentativas de traduzir o indizível, traçar paralelos entre o real e o imaginário, relatar desejos e dores, descrever os universos internos e externos no qual o escritor se encontra. A linguagem é uma das ferramentas que utilizamos para nomear e dar sentido ao que se encontra ao nosso redor e também para dar significação ao que sentimos, dessa maneira, pensemos que o inconsciente é estruturado como linguagem e a escrita é um processo no qual o mesmo se faz presente. Trataremos de analisar brevemente aspectos melancólicos de alguns poemas de Ana C.

Palavras-chave: Inconsciente; Melancolia; Poesia.

Ana C poeta carioca da literatura marginal, tradutora, crítica literária e jornalista. Em sua breve vida, compôs uma poética consistente, na qual sua poesia expunha suas vivências e sentimentos de forma intensa. Sua escrita ora ocorria de forma linear, ora com períodos e estrofes mais longas, ora com as mesmas mais curtas, mantendo a densidade característica de sua escrita. A composição leve e informal de seus poemas pode levar a crer que este seja um processo simples ou que sua poesia seja menos relevante e improvisada. Porém, para Ana C, escrever era um processo difícil, às vezes penoso como podemos atestar pelo poema a seguir:

olho muito tempo o corpo de um poema
até perder de vista o que não seja corpo
e sentir separado dentre os dentes
um filete de sangue nas gengivas- *Ana Cristina Cesar, A
teus pés.*

Pensando no ato de escrever pelo viés da literatura, este processo seria compreendido como tentativas de traduzir o indizível, traçar paralelos entre o real e o imaginário, relatar desejos e dores, descrever os universos internos e externos no qual o escritor se encontra. A psicanálise como

¹Mestranda pelo Programa de Pós-graduação em Teoria literária pela Universidade de Brasília – UnB.
Docente na Universidade Estadual de Goiás – UEG. Campus Formosa. leiderozane@gmail.com

ciência, modo investigativo que trabalha com pistas e lacunas como os sonhos, atos falhos e lembranças corporifica o que se guarda no inconsciente. A arte é uma forma de síntese do que estava ausente. Assim sendo, as tentativas de expressão se fazem possíveis através da linguagem, que seria o ponto de encontro entre a psicanálise e a literatura. O autor redige seus textos ao passo que sublima suas pulsões. A análise literária através do olhar da psicanálise não coloca a literatura no divã e a analisa dando-lhe diagnósticos, ela vem a demonstrar que a composição artística faz parte dos processos psíquicos humanos.

A linguagem é um recurso que utilizamos para nomear e dar sentido ao que se encontra ao nosso redor e também para dar nome e significado ao que sentimos. Partindo deste princípio, o inconsciente pode ser estruturado como linguagem, a escrita é o processo em que o mesmo se faz presente. É através das palavras que o escritor se revela, ele é escrito por elas, desvela e vela seu íntimo de forma peculiar. No que tange Ana C, analisaremos a presença da melancolia que é expressa em alguns de seus textos.

O discurso presente nos textos de Ana Cristina Cesar “nasce da escrita de si, de seu íntimo para materializar vivências e experiências passadas e presentes. Esse discurso perpassa, por um conjunto de sensações que remontam à noção de melancolia.” Entendemos que a melancolia é “Estado de espírito, forma de sensibilidade, uma experiência muito além da compreensão usual de tristeza, depressão e angústia. Ela é uma vivência múltipla e conversível, e possui esse sentido complexo desde a Antiguidade”. A partir dessa definição, compreendemos que a poesia de Ana C se faz por meio dessa forma de sensibilidade.

FINAL DE UMA ODE

Acontece assim: tiro as pernas do balcão de onde via um sol de inverno se pondo no Tejo e saio de fininho dolorosamente dobradas as costas e segurando o queixo e a boca com uma das mãos. Sacudo a cabeça e o tronco incontrolavelmente, mas de maneira curta, curta, entendem? Eu estava dando gargalhadinhas e agora estou sofrendo nosso próximo falecimento, minhas gargalhadinhas evoluíram para um sofrimento meio nojento, meio ocasional, sinto uma dó extrema do rato que se fere no porão, ai que outra dor súbita, ai que estranheza e que lusitano torpor me atira de braços abertos sobre as ripas do cais ou do palco ou do quartinho. Quisera dividir o corpo em heterônimos – medito aqui no chão, imóvel tóxico do tempo. (Cenas de Abril, 1979)

Neste poema, percebe-se a presença do discurso melancólico em todo o texto, o abatimento físico e psíquico nota-se no “*trecho saio de fininho dolorosamente dobradas as costas e segurando o queixo e a boca com uma das mãos. Sacudo a cabeça e o tronco incontrolavelmente, mas de maneira curta, curta, entendem? Eu estava dando gargalhadinhas e agora estou sofrendo nosso próximo falecimento, minhas gargalhadinhas evoluíram para um sofrimento meio nojento, meio ocasional*” .

No texto é descrito um ambiente frio e crepuscular, sua postura fechada e dor física revelam seus sofrimentos externos e suas queixas suas aflições internas-psíquicas. *sinto uma dó extrema do rato que se fere no porão...* Há a demonstração de fragilidade emocional, de que a qualquer momento e por qualquer razão o somatório do que se sente eclodirá em algo maior.

Existe o desejo de jogar se, ver se livre das dores que lhe aflige como descrito no trecho: *ai que outra dor súbita, ai que estranheza e que lusitano torpor me atira de braços abertos sobre as ripas do cais ou do palco ou do quartinho.* Há referências à Portugal quando se fala do rio Tejo, poetizado por Alberto Caeiro em *Pelo Tejo Vai-se para o Mundo*(1946), poema que trata as distâncias e incertezas dos caminhos que o rio traça. Sendo ele algo tangível e também imaginário. Nos últimos versos lê-se:

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha
aldeia,

Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela
minha
aldeia

Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios

E navega nele ainda,

Para aqueles que vêem em tudo o que lá não está,

A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha

E o Tejo entra no mar em Portugal.

Toda a gente sabe isso.

Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.
Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.
O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

No trecho, *Acontece assim: tiro as pernas do balcão de onde via um sol de inverno se pondo no Tejo e saio de fininho[...]* Ana não reflete sobre o que há além do rio, já que as correntes que a levam e trazem com violenta ação, são as de sua agonia. Apesar do significado e importância do Tejo, este torna-se menor, até mesmo insignificante perante sua profunda angústia, comparável somente à profundidade do próprio rio.

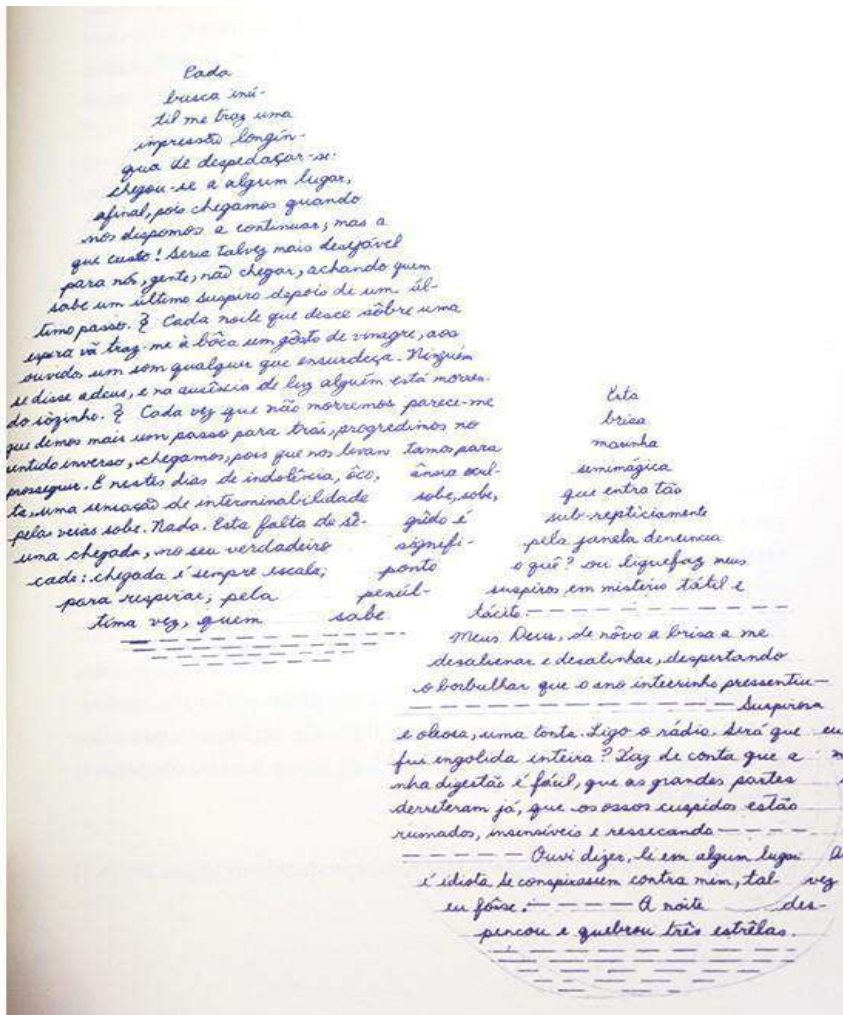
Lusitano torpor que nos leva a duas interpretações possíveis, o torpor que se sente estando em Portugal e também o que se conhece culturalmente sobre o país dos fados, estes prestigiados como cantos do que está predestinado, ao buscar a etimologia da palavra fado vem de *fatum* que significa destino. Logo, há o tom de que o futuro não é aguardado como algo esperançoso. Dividir seu corpo em heterônimos rememorando mais uma vez à Fernando Pessoa. A necessidade de dividir se para que quem sabe poder diluir o torpor que toma conta de seu ser.

Construir narrativas é moldar uma visão sobre algo de um humano para outro. Narrar, contar uma história mescla presente e passado e faz parte do processo diário de vivência em sociedade, então nós, seres humanos podemos nos compreender como narrativas. Khel diz que:

“é importante lembrar que as narrativas não são uma forma de memorização do passado: São a própria *atualização do passado*

no presente. Ao narrar, ‘é o ato presente que desdobra, a cada, a temporalidade efêmera que se estende entre o Eu ouvi e o Vocês vão ouvir’” KHEL, 2009, P.159

Precisamos descrever nossa história, nosso dia a dia, o que vemos e sentimos. Caminho de ressignificação do que somos e de construir memórias. Ana Cristina Cesar o faz através de sua poesia e escrita desde muito jovem. Sua escrita é composta como um ecoar de muitas vozes, anteriores a dela, vinda de escritores que se conectavam a partir de uma retórica lírica peculiar: “Enquanto leio meus textos se fazem descobertos. É difícil escondê-los no meio dessas letras. Então me nutro das tetas dos poetas pensados no meu seio” (CESAR, *Inéditos e Dispersos*, 1998). O que é perceptível no poema “Final de uma ode”. Em muitos textos de Ana C há a composição textual visual, o que nos leva a ideia do caleidoscópio, o objeto óptico que em constante movimento projeta imagens diversas e surpreendentes. Observemos o poema abaixo:



Cada busca inútil me traz uma impressão longínqua de despedaçar-se: chegou-se a algum lugar, afinal, pois chegamos quando nos dispomos a continuar; mas a que custo! Seria talvez mais desejável para nós, gente, não chegar, achando quem sabe um último suspiro depois de um último passo.

Cada noite que desce sobre uma espera vã traz-me à boca um gosto de vinagre, aos ouvidos um som qualquer que ensurdeça. Ninguém se disse adeus, e na ausência de luz alguém está morrendo sozinho. Cada vez que não morremos parece-me que demos mais um passo para trás, progredimos no sentido inverso, chegamos, pois que nos levantamos para prosseguir. E nestes dias de indolência, oco, ânsia oculta, uma sensação de interminabilidade sobe, sobe, pelas veias sobe. Nada. Esta falta de segredo é uma chegada, no seu verdadeiro significado: chegada é sempre escala; ponto para respirar; pela penúltima vez, quem sabe.

Esta brisa marinha semimágica que entra tão sub-repticiamente pela janela denuncia o quê? ou liquefaz meus suspiros em mistério tátil e tácito. Meu Deus, de novo a brisa a me desalienar e desalinhar, despertando o borbulhar que o ano inteirinho pressentiu. Suspirosa e oleosa, uma tonta. Ligo o rádio. Será que eu fui engolida inteira? Faz de conta que a minha digestão é fácil, que as grandes partes se derreteram já, que os ossos cuspidos estão arrumados, insensíveis e ressecando. Ouvi dizer, li em algum lugar: Ana é idiota. Se conspirassem contra mim, talvez eu fosse. A noite despencou e quebrou três estrelas.

[Texto de "Gota a gota", original da autora reproduzido na página anterior.]

No poema acima, a autora o escreve de forma a desenhar duas gotas no trecho: *ou liquefaz meus suspiros em mistério tátil e tácito*. Assim como no poema anteriormente analisado, a melancolia se faz presente nas palavras que transmitem angústia e dor. Ao ler o poema visual podemos inferir que essas gotas se referem a lágrimas. Vazio, suspiro, engasgo, palavras que fluem no decorrer do poema, da mesma maneira que lágrimas escorrem através dos olhos percorrendo o rosto. Em *Cada noite que desce sobre uma espera vã traz-me à boca um gosto de vinagre, aos ouvidos um som qualquer que ensurdeça. Ninguém se disse adeus, e na ausência de luz alguém está morrendo sozinho*. O gosto ruim na boca e um som que ensurdece faz transparecer o entorpecimento o qual se sente vindo das palavras e das lágrimas.

Os períodos mesclam se entre curtos e longos, o que se assemelha ao soluçar de um choro sufocado. O uso de palavras como *oleosa*, *borbulhar* traz maleabilidade e movimento às gotas. Há certa descrença em relação a vida, a autora sente-se mastigada, digerida e cuspidada. A poeta finaliza, *Ouvi dizer, li em algum lugar: Ana é idiota. Se conspirassem contra mim, talvez eu fosse. A noite despencou e quebrou três estrelas*. Em que há uma análise sobre a importância de si, dizem que ela é idiota, mas por se ver como insignificante, não digna de que conspirassem contra si, o mundo desaba em estrelas que se rompem no céu.

Essas foram algumas análises elementares sobre alguns poemas de Ana C. Escritos esses que são resultados de suas experiências e um ecoar de várias vozes e épocas que partilhou sua vivência. Seu estado de alma está em constante processo de ebulição, lampejos, fragmentos, fractais que constroem sua poética. Uma poética que pode ser visualizada como um caleidoscópio melancólico que se movimenta luminosamente e flui em sentidos e cores diversos, formando um corpo variado, denso e intenso, que concebe uma imagem de si concebida pela linguagem do inconsciente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORGES, Jorge Luis. Ficções. IN: *Obras Completas*. Volume I São Paulo: Globo, 1999.

CESAR, Ana Cristina. *Poética*. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, S. *Luto e Melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

KEHL, Maria Rita. Apresentação In: FREUD, S. *Luto e Melancolia*. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

_____. *O tempo e o cão: a atualidade das depressões*. São Paulo: Boitempo, 2009.

O Guardador de Rebanhos”. In *Poemas de Alberto Caeiro*. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10ª ed. 1993). - 46.